

# BALANÇO 2022

**Jornalistas detidos, mortos,  
reféns e desaparecidos  
em todo o mundo**

## UM RESUMO DO BALANÇO

### 1 JORNALISTAS DETIDOS p. 4

Em números	p. 4
As prisões se enchem de jornalistas	p. 5
Um aumento histórico de cerca de 30% no número de jornalistas presas	p. 6
Mulheres na linha de frente na terra dos mulás	p. 7
Outros regimes que jogam jornalistas mulheres na prisão	p. 7
As cinco maiores prisões do mundo	p. 9
Os casos mais marcantes de 2022	p. 10

### 2 JORNALISTAS ASSASSINADOS p. 12

Em números	p. 12
Quantidade de mortos: números que voltam a subir	p. 13
Os assuntos mais arriscados de cobrir	p. 14
Os países mais perigosos	p. 15
Um ano sangrento e recorde nas Américas	p. 16
Europa de luto pela guerra na Ucrânia	p. 17
Os conflitos mortais do Oriente Médio	p. 17
Ásia, a coragem amordaçada	p. 18

### 3 JORNALISTAS REFÉNS p. 19

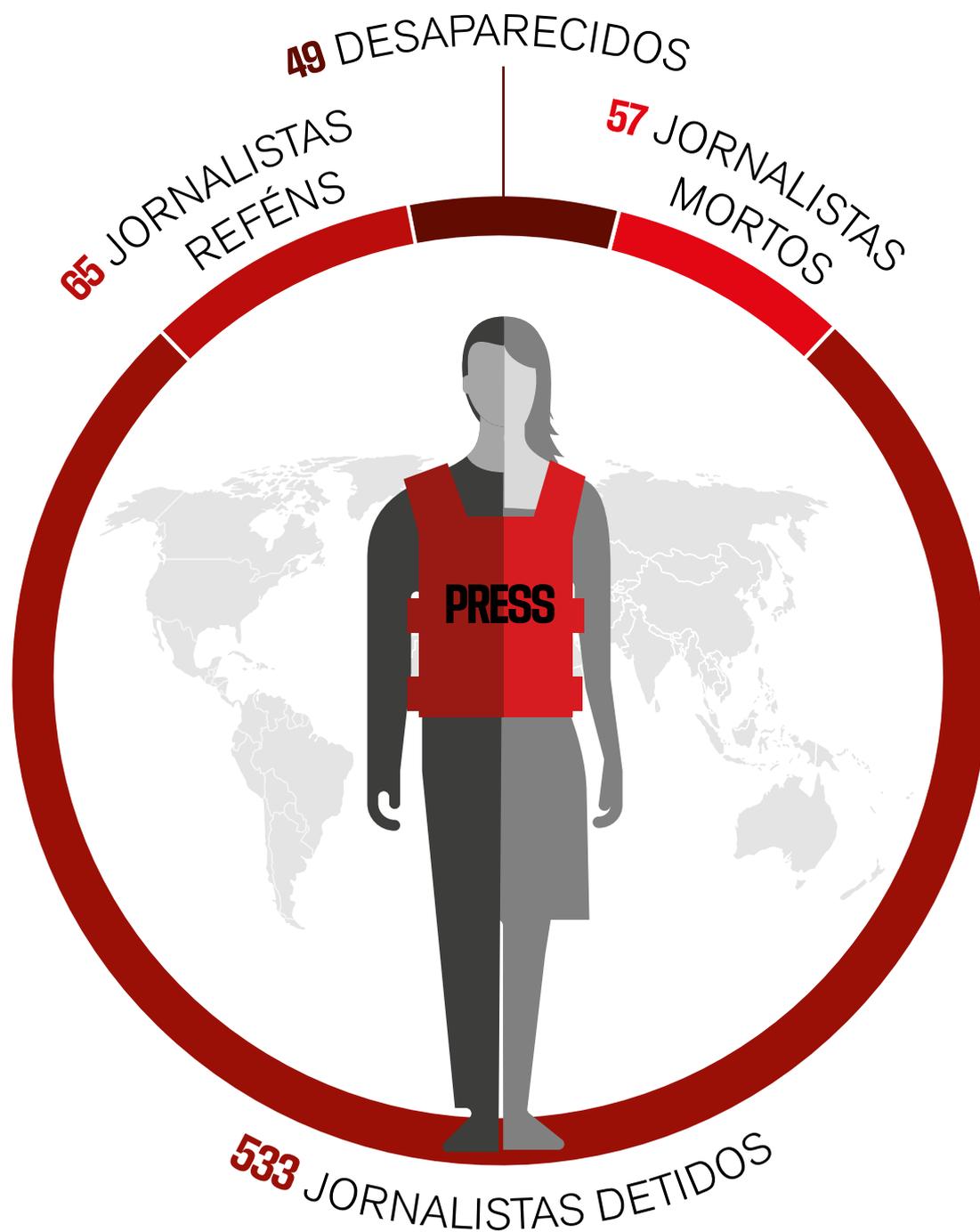
Em números	p. 19
Países de alto risco	p. 20
Os principais sequestradores	p. 20

### 4 JORNALISTAS DESAPARECIDOS p. 23

Dois jornalistas desaparecidos em 2022	p. 23
Quase 50 jornalistas desapareceram em 20 anos	p. 23

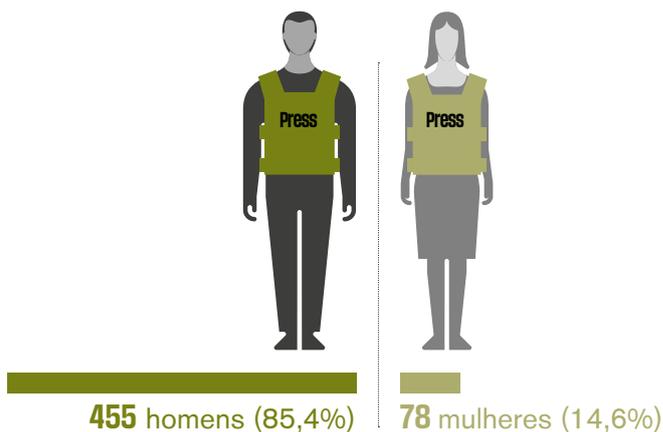
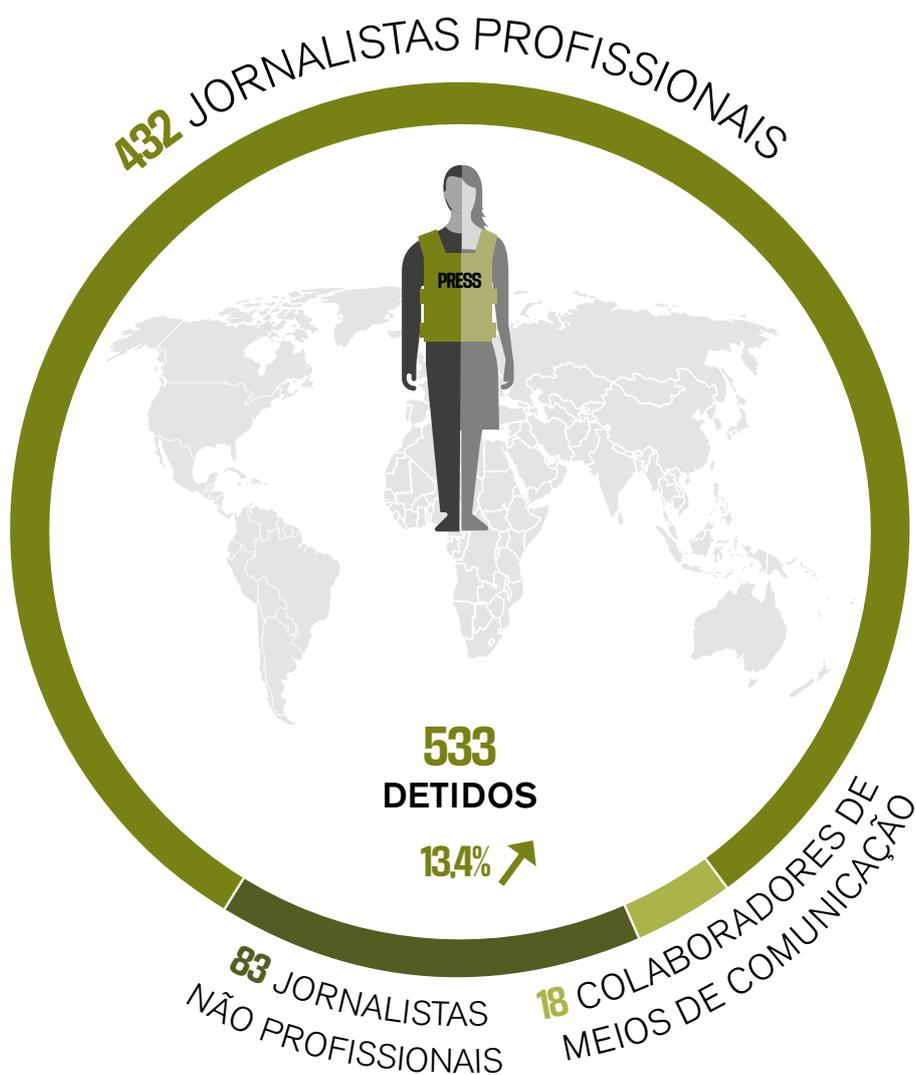
## NOTA METODOLÓGICA p. 24

# UM RESUMO DO BALANÇO



# JORNALISTAS DETIDOS

Em números



## JORNALISTAS DETIDOS

### As prisões se enchem de jornalistas

O recorde estabelecido no ano passado foi quebrado novamente. No dia 1º de dezembro de 2022, **533 jornalistas estavam presos por exercer sua profissão**, e mais de um quarto deles foram detidos durante o ano. Nunca antes a RSF registrou um número tão alto de jornalistas na prisão.

Esse **novo aumento do número de jornalistas detidos (+ 13,4% em 2022**, após um aumento de 20% em 2021) confirma que os regimes autoritários continuam a aprisionar jornalistas que os incomodam de forma cada vez mais escancarada, na maioria das vezes sem nem sequer se preocupar em julgá-los. **Pouco mais de um terço dos jornalistas detidos foram alvo de alguma condenação. Os demais (63,6%) estão detidos sem terem sido julgados.**



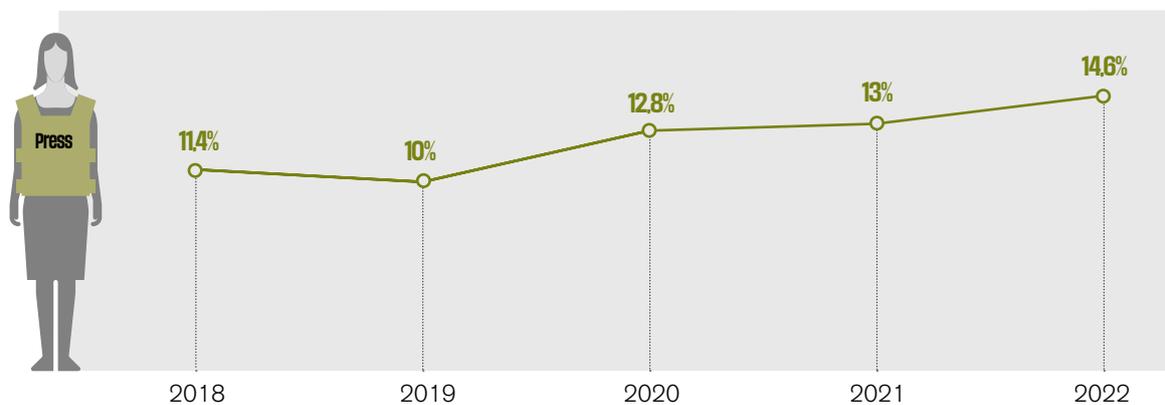
A **China**, onde a **censura e a vigilância atingiram níveis extremos**, continua a ser a maior prisão para jornalistas do mundo, com 110 jornalistas presos. Na **Birmânia**, onde **a prática do jornalismo é agora simplesmente proibida** – assim como muitos veículos de imprensa foram banidos após o golpe de fevereiro de 2021 –, 62 jornalistas estão atualmente detidos. Outro sinal de grande repressão: a **República Islâmica do Irã** (47) tornou-se a **3ª maior prisão do mundo para jornalistas**, apenas um mês após o início de um grande movimento de protesto.

**Duas regiões do mundo sozinhas concentram três quartos dos prisioneiros:** quase 45% dos jornalistas estão detidos na Ásia, e mais de 30% no Magreb e no Oriente Médio. **A repressão também aumentou acentuadamente na Rússia desde a invasão da Ucrânia, em fevereiro de 2022.** Ao longo do ano, quase todos os meios de comunicação independentes foram banidos, bloqueados e/ou declarados “agentes estrangeiros”. Os jornalistas que permanecem no local são, em sua maioria, forçados a trabalhar na clandestinidade, sob o risco de pegar, por exemplo, até 15 anos de prisão por difundir “informações falsas” sobre o exército russo. Pelo menos 18 jornalistas estão atualmente presos, incluindo 8 ucranianos presos na Crimeia, que foi formalmente anexada em 2014 e desde então está sob controle russo.

## JORNALISTAS DETIDOS

## Um aumento histórico de cerca de 30% no número de jornalistas presas

Trata-se de mais um dado inédito nos anais da RSF: **78 jornalistas mulheres estão atualmente atrás das grades.** Depois de crescer quase 20% no ano passado, **o número de jornalistas presas bate um novo recorde e sobe 27,9 % em 2022.** Em comparação, o número de jornalistas homens presos aumentou apenas 11,2 %. **As jornalistas agora representam 14,6 % dos detidos,** ao passo que representavam menos de 7% dos presos há cinco anos.



**Aumento progressivo da proporção de mulheres encarceradas**  
em 1º de dezembro de cada ano.

Esse novo aumento, ao mesmo tempo que reflete a crescente presença das mulheres na profissão, confirma que elas não são poupadas da repressão. Como seus colegas do sexo masculino, as mulheres são vítimas dos regimes mais duros na repressão à liberdade de imprensa. **Quatro países** – China (19), Irã (18), Birmânia (10) e Bielorrússia (9), que estão entre os piores colocados no [Ranking Mundial da Liberdade de Imprensa](#) da RSF – **concentram sozinhos mais de 70% das jornalistas aprisionadas.**

## JORNALISTAS DETIDOS

### Mulheres na linha de frente na terra dos mulás

Abalado desde meados de setembro de 2022 por uma onda de protestos em uma escala poucas vezes vista desde a Revolução Islâmica de 1979, o Irã mantém presas, sozinho, 18 jornalistas mulheres. Embora 3 delas, incluindo a vencedora do Prêmio RSF para a Liberdade de Imprensa de 2022 na categoria Coragem, [Narges Mohammadi](#), tenham sido presas antes do início dos protestos, 15 outras jornalistas foram presas após o início das manifestações provocadas pela morte de Mahsa Amini, curda iraniana de 22 anos presa pela polícia de costumes por infringir o código de vestimenta.



Narges Mohammadi  
© DR



Elahe Mohammadi  
© RS



Nilufar Hamedei  
© Shargh

Esse alto número de jornalistas detidas mostra o desejo das autoridades iranianas de silenciar de maneira sistemática as vozes das mulheres. Entre essas vozes, os casos de [Nilufar Hamedei](#) e [Elahe Mohammadi](#) são particularmente preocupantes. Detidas em setembro por terem sido as primeiras jornalistas a chamar atenção para a morte de Mahsa Amini, são agora acusadas de “propaganda contra o sistema e conspiração para agir contra a segurança nacional”, crimes passíveis de punição com a pena de morte.

### Outros regimes que jogam jornalistas mulheres na prisão

A China contabiliza 19 jornalistas presas, incluindo a corajosa [Zhang Zhan](#), vencedora do Prêmio RSF para a Liberdade de Imprensa de 2021 e condenada a quatro anos de prisão por “causar problemas” ao cobrir a epidemia de Covid-19 nas redes sociais. Além dela, também está na prisão a jornalista freelancer [Huang Xueqin](#), que documentou casos de assédio sexual contra mulheres e meninas e realizou reportagens sobre corrupção e poluição industrial. Presa por “incitar a subversão do poder do Estado”, está detida há mais de um ano sem julgamento.



Zhang Zhan  
© YouTube via AFP



Huang Xueqin  
© FreeXueBing

## JORNALISTAS DETIDOS



Htet Htet Khine  
© RS

Logo atrás da China no Ranking RSF 2022, na 176ª posição entre 180 países, a Birmânia mantém 10 mulheres jornalistas atrás das grades. Entre elas, [Htet Htet Khine](#), presa em agosto de 2021 e atualmente cumprindo pena de seis anos de detenção e trabalhos forçados por “incitar o ódio contra o Exército”. Repórter, entre outros, para a BBC Media Action, ela esteve na vanguarda da cobertura das manifestações populares que se seguiram ao golpe de 1o de fevereiro de 2021.



Maryna Zolatava  
© “Bolchoi”

Embora a Bielorrússia tenha libertado algumas das jornalistas detidas há apenas um ano, o regime de Alexandr Lukashenko realizou novas prisões e 9 jornalistas mulheres estão atualmente atrás das grades, incluindo [Maryna Zolatava](#), incluída em outubro na lista oficial de “terroristas”. Detida em 18 de maio de 2021, a editora do TUT.BY, site de notícias que era o mais popular do país antes de ser proibido, tem sua prisão preventiva continuamente estendida há mais de um ano e meio.



Pham Doan Trang  
© Paul Mooney

É também por causa de textos críticos, qualificados como “propaganda contra o Estado”, que a vencedora do Prêmio RSF para a Liberdade de Imprensa de 2019 na categoria Impacto, a vietnamita [Pham Doan Trang](#), cumpre uma sentença de nove anos de prisão. Embora estivesse, até pouco tempo, detida na capital, Hanói, ela foi recentemente transferida para uma prisão localizada 1.000 km ao sul. Uma manobra que a administração penitenciária vietnamita costuma usar para abafar qualquer comunicação sobre o estado de saúde de um preso.

Da mesma forma, na Turquia, 3 jornalistas e 1 colaboradora da mídia estão em prisão preventiva desde junho de 2022. Foi nessa data que houve uma nova onda de detenções, tendo como alvo meios de comunicação e produtoras pró-curdos, acusados de serem próximos do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), classificado como uma organização terrorista pelo governo turco. Entre as presas, está a diretora de informação da agência Jin News, [Safiye Alagaz](#), que já havia sido presa em 2019, acusada de “propaganda para uma organização terrorista”, tendo sido absolvida.



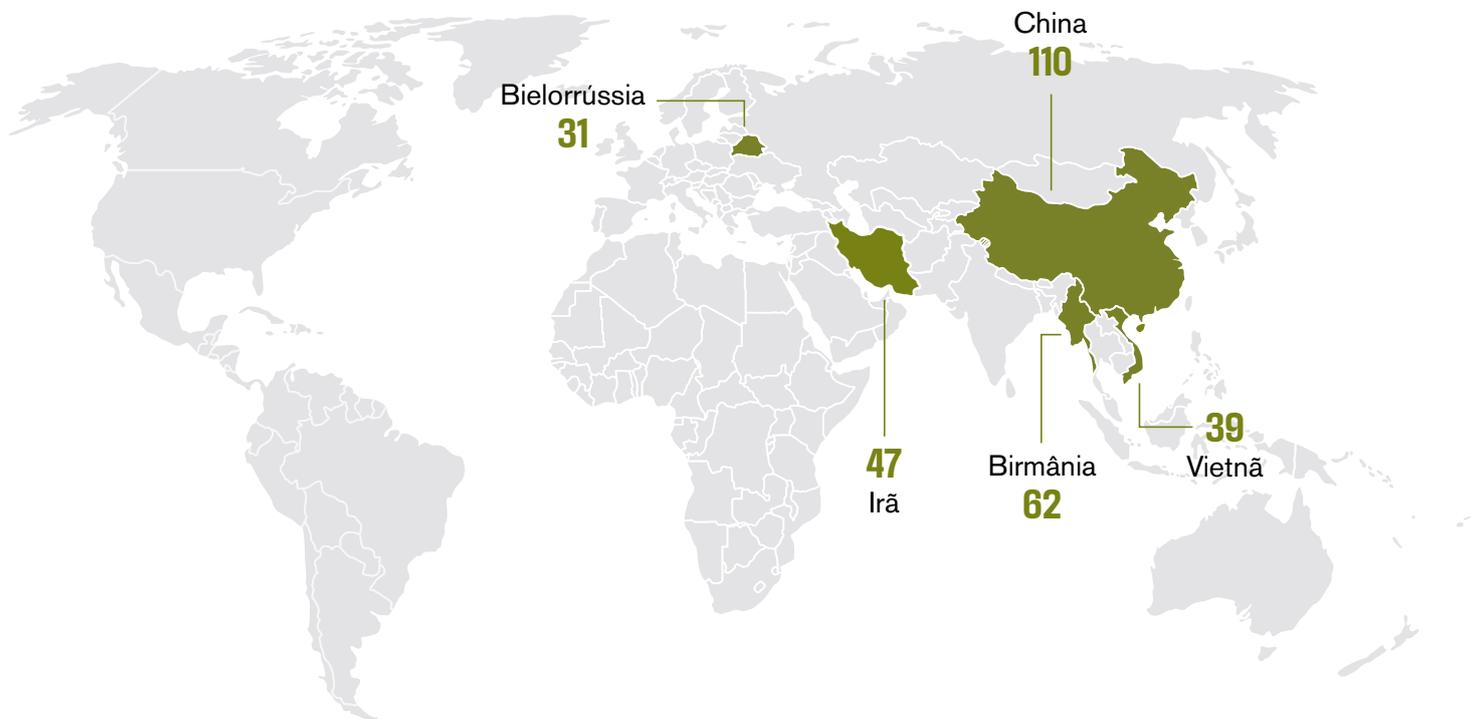
Hala Fahmy  
© Teller Report

Acusações de terrorismo também são amplamente utilizadas pelo regime do presidente [Abdel Fattah Al-Sissi](#) para justificar a continuação da detenção de 3 jornalistas egípcias dentre os 26 profissionais da informação atualmente presos no país. Duas foram detidas ao longo do ano. Entre elas, a jornalista [Hala Fahmy](#), que ficou desaparecida por vários dias antes de reaparecer na Procuradoria Geral de Segurança do Estado, no final de abril. A apresentadora do canal nacional de rádio e televisão, empenhada na defesa dos direitos dos jornalistas, foi acusada de pertencer a um grupo terrorista e de propagar fake news. Durante a conferência do clima COP 27, realizada no Egito, ela fez várias greves de fome para protestar contra sua prisão mais recente.

Três outras jornalistas vietnamitas estão igualmente definhando atrás das grades, assim como 2 jornalistas mulheres na Arábia Saudita e 2 na Guatemala, além de 1 em cada um dos seguintes países: Rússia, Filipinas, Uzbequistão, Laos, Israel e Burundi.

## JORNALISTAS DETIDOS

## As cinco maiores prisões do mundo



**Mais da metade (54%) dos jornalistas presos no mundo está concentrada em 5 países.**

**Em um mês de protestos, o Irã se tornou um dos piores carcereiros de jornalistas, a terceira maior prisão do mundo para profissionais da informação.** A escala da repressão aos protestos realizada pela República Islâmica do Irã desde 16 de setembro de 2022 é tamanha que o número de profissionais da mídia atrás das grades no Irã atingiu um patamar inédito em 20 anos, segundo dados da RSF. Trinta e quatro novos jornalistas se juntaram aos 13 profissionais da informação que já estavam atrás das grades antes do início das manifestações provocadas pela morte de Mahsa Amini.

Ao contrário do Irã, os outros quatro países dessa lista já faziam parte dela em 2021.

**Ano após ano, a China mantém seu título de maior prisão do mundo para jornalistas (110).** Embora o número total de detidos tenha diminuído ligeiramente em relação ao ano passado, 99 profissionais da informação permanecem na prisão na China continental e 11 em Hong Kong. A ausência de novas prisões em 2022 é menos um sinal de melhora da situação do que **o resultado de uma repressão implacável, uma censura cada vez maior e uma vigilância extrema.** O ano de 2022 foi marcado pelo fechamento de muitas cidades para o mundo exterior devido à Covid-19 e pelo bloqueio de palavras-chave “sensíveis” e comentários independentes nas mídias sociais por um exército de censores.

## JORNALISTAS DETIDOS

A situação é igualmente crítica **na Birmânia**, que, em números proporcionais à população nacional, é de longe o país que mais encarcera os seus jornalistas. Se nos primeiros meses após o golpe em geral os repórteres eram presos durante a cobertura das manifestações contra a junta, o ano de 2022 tem sido marcado pela retomada da prisão de jornalistas em suas casas ou mesmo nos locais onde se escondiam para tentar fugir da máquina repressiva do Tatmadaw, o Exército birmanês.

Por fim, **no Vietnã como na Bielorrússia, os regimes autoritários do secretário-geral Nguyen Phu Trong e do presidente Alexandr Lukashenko mantêm seus esforços para aniquilar a imprensa independente.** No Vietnã, o número de jornalistas presos quase dobrou em cinco anos. Na Bielorrússia, a RSF contabilizou mais de 500 detenções de jornalistas em dois anos, sendo que [31 deles ainda estão atrás das grades.](#)

### Os casos mais marcantes de 2022

#### Um talento esmagado pela máquina judicial russa



Ivan Safronov  
© AFP

Considerado um dos melhores jornalistas investigativos da Rússia, **Ivan Safronov** foi condenado, em 5 de setembro, a **22 anos de prisão por revelar “segredos de Estado” que já eram públicos** na internet. A acusação totalmente inconsistente confirma que ele foi de fato punido por fazer seu trabalho. Essa sentença iníqua e vingativa é a mais pesada registrada em 2022 pela RSF.

#### Um octogenário atrás das grades



Yiu Mantin  
© China Political Prisoner Concern

Por tentar publicar um livro sobre o presidente chinês Xi Jinping, o fundador da editora Morning Bell Press, **Yiu Mantin (também conhecido como Yao Wentian), de 82 anos**, passou, em julho de 2022, mais um aniversário preso. Ele foi condenado a [dez anos de prisão](#) em 2014 por “contrabando de mercadorias proibidas”, e todos os seus **pedidos de liberdade condicional por motivos médicos foram rejeitados**, mesmo considerando que ele teve **cinco acidentes vasculares cerebrais (AVC)**, sofre de asma e hepatite B. Não há notícias de Yiu Mantin desde novembro de 2017.

#### O teste do tempo e da repetição



Amadou Vamouké  
© Facebook

Em Camarões, **Amadou Vamouké** já foi **levado 137 vezes de sua cela para o tribunal criminal especial em Yaoundé desde a sua prisão, em 2016**, 57 vezes apenas em 2022. Essas repetidas audiências ainda não resultaram em um julgamento. Faz **mais de 2.300 dias que o ex-diretor geral da rádio e televisão pública camaronesa (CRTV) é mantido em prisão preventiva.** As autoridades, que o acusam de peculato, nunca apresentaram nenhuma prova tangível contra ele. Hoje com 72 anos, o jornalista sofre de múltiplas patologias não tratadas.

## JORNALISTAS DETIDOS

### Punição coletiva



Jimmy Lai  
© Next Animation Studios

É na China que se encontra **o maior número de jornalistas presos pertencentes à mesma redação**. Em Hong Kong, **Jimmy Lai**, fundador do diário **Apple Daily** (fechado em 2020 pelas autoridades), e **seis de seus funcionários** foram acusados de “conspiração para conluio com forças estrangeiras” sob a draconiana lei de segurança nacional. **Todos podem pegar prisão perpétua**.



Ilham Tohti  
© The New York Times

Além disso, **na Região Autônoma Uigur de Xinjiang**, onde o regime realiza uma **campanha violenta** de repressão à população muçulmana de língua turca, **vários funcionários das editoras Xinjiang Education Press (19) e Kashgar Uyghur Press (11) e do site Uigur Online (8) estão detidos em condições desconhecidas**. O fundador do *Uyghur Online*, o jornalista e acadêmico **Ilham Tohti**, vencedor do Prêmio Sakharov do Parlamento Europeu, **está cumprindo uma sentença de prisão perpétua** por “separatismo”.

### Um SMS que custou caro



Mohamed Mouloudj  
© Liberté

**Por solicitar uma entrevista por SMS**, o jornalista argelino **Mohamed Mouloudj** passou **13 meses em prisão preventiva**. O pedido de entrevista do repórter do agora extinto diário Liberté foi dirigido ao chefe do Movimento para a Autodeterminação da Cabília (MAK), organização classificada como “terrorista”... três semanas após o envio do SMS. Foi, no entanto, esse mesmo pedido que serviu, de forma absurda, como “prova” de pertencimento a uma organização terrorista.

### “175 anos é muito tempo...”



Julian Assange  
© WSWS

... “especialmente no final”, comentou um de seus ex-advogados, Éric Dupond-Moretti, antes de ser nomeado Ministro da Justiça da França. O fundador do WikiLeaks, **Julian Assange**, **corre o risco de pegar um total de 175 anos de prisão se os EUA conseguirem sua extradição do Reino Unido**. Julian Assange enfrenta 18 acusações por ter publicado no WikiLeaks, em 2010, centenas de milhares de documentos sigilosos que continham informações de interesse público. Enquanto aguarda a revisão do recurso da ordem de extradição pelo Supremo Tribunal do Reino Unido, o fundador do WikiLeaks permanece encarcerado na prisão de Belmarsh, em Londres, onde sua saúde mental e física está em risco.

### Às portas da morte

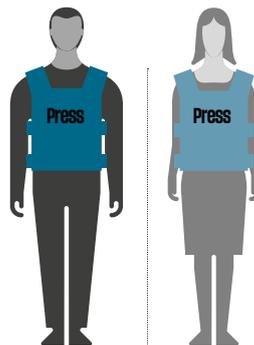
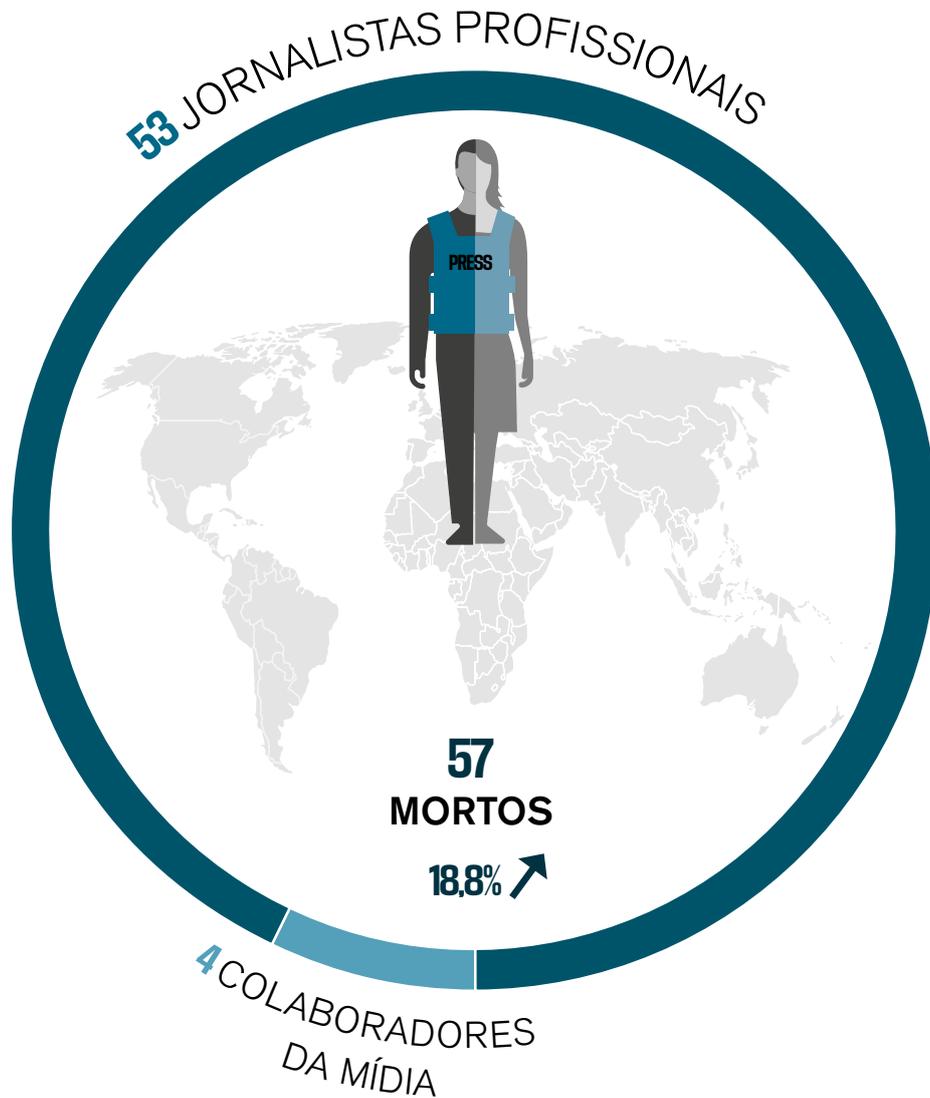


Alaa Abdel Fattah  
© AFP

Ele quase morreu na prisão... Para chamar a atenção do mundo, cujos olhos estavam voltados para o Egito durante a COP 27, **Alaa Abdel Fattah** tentou de tudo. Já em greve de fome parcial desde abril, em protesto por sua prisão arbitrária desde 2019, no início de novembro o blogueiro anglo-egípcio ficou sem beber água durante seis dias, um longo e preocupante período, marcado pela obstinada recusa das autoridades em permitir que sua família o visitasse.

# JORNALISTAS ASSASSINADOS

## EM NÚMEROS

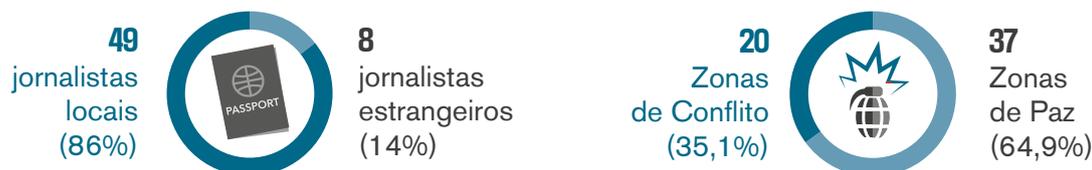


## JORNALISTAS ASSASSINADOS

## Quantidade de mortos: números que voltam a subir

Após dois anos de calmaria e números historicamente baixos, **o número de jornalistas mortos em 2022** no desempenho de suas funções **voltou a aumentar em 18,8%**. Este ano, **57 jornalistas pagaram com a vida pelo compromisso de informar**, em comparação com 48 em 2021 e 50 em 2020.

**A guerra na Ucrânia**, que estourou em 24 de fevereiro de 2022, é **uma das causas desse aumento**. **O número de jornalistas mortos em zonas de conflito também cresceu**, chegando a quase 35% dos mortos (contra 32% no ano passado). O conflito também contribuiu para duplicar **o número de jornalistas assassinados fora de seu país de origem**: dos 8 jornalistas mortos desde o início do conflito ucraniano, 5 eram repórteres estrangeiros.

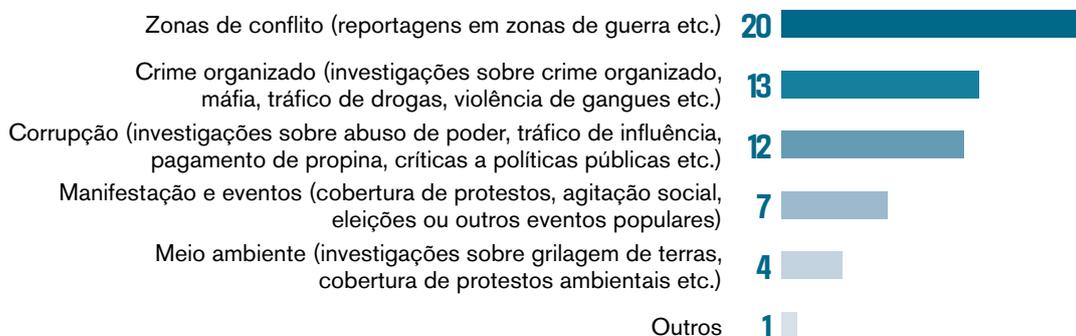


Além dessa guerra assassina, **mais de 6 em cada 10 jornalistas (64,9%) mortos perderam a vida em países considerados pacíficos** em 2022. Esse aumento é parcialmente explicado pelo **fim das restrições a viagens, impostas durante pandemia de Covid-19**, e pelo fato de os jornalistas terem partido em grande número para os locais de reportagem. Além disso, alguns países, como o México, ainda não conseguiram conter a violência que assola seu território e afeta diretamente os jornalistas. **O país registrou, sozinho, 11 jornalistas mortos, quase 20% do número total de trabalhadores da mídia mortos em todo o mundo.**

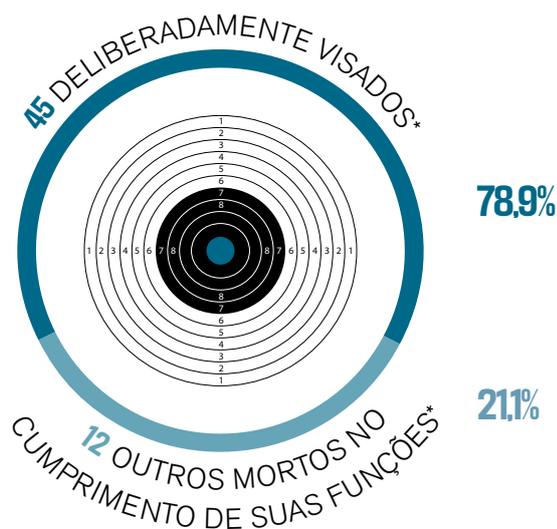
As mulheres, cada vez mais numerosas na profissão, não escapam dessa tendência crescente. **A proporção de jornalistas mortas** no desempenho de suas funções **triplicou em dois anos**. Em 2022, elas representam mais de 12% das mortes, contra 4% em 2020.

## JORNALISTAS ASSASSINADOS

## Os assuntos mais arriscados de cobrir



**Quase 80% dos trabalhadores da mídia mortos em 2022 foram intencionalmente visados por causa de sua profissão e dos temas em que estavam trabalhando. O crime organizado** (máfia, tráfico de drogas, violência de gangues) **e a corrupção** (abuso de poder, tráfico de influência, pagamento de propina, críticas a políticas públicas etc.) **estão entre os temas mais perigosos de se cobrir.** A abordagem de cada um desses assuntos resultou na morte de 13 e 12 jornalistas, respectivamente, em 2022. Da mesma maneira, 4 jornalistas que trabalhavam com o tema da grilagem de terras por grandes grupos industriais e do desmatamento também foram mortos ao longo do ano passado.



## \* DELIBERADAMENTE VISADOS:

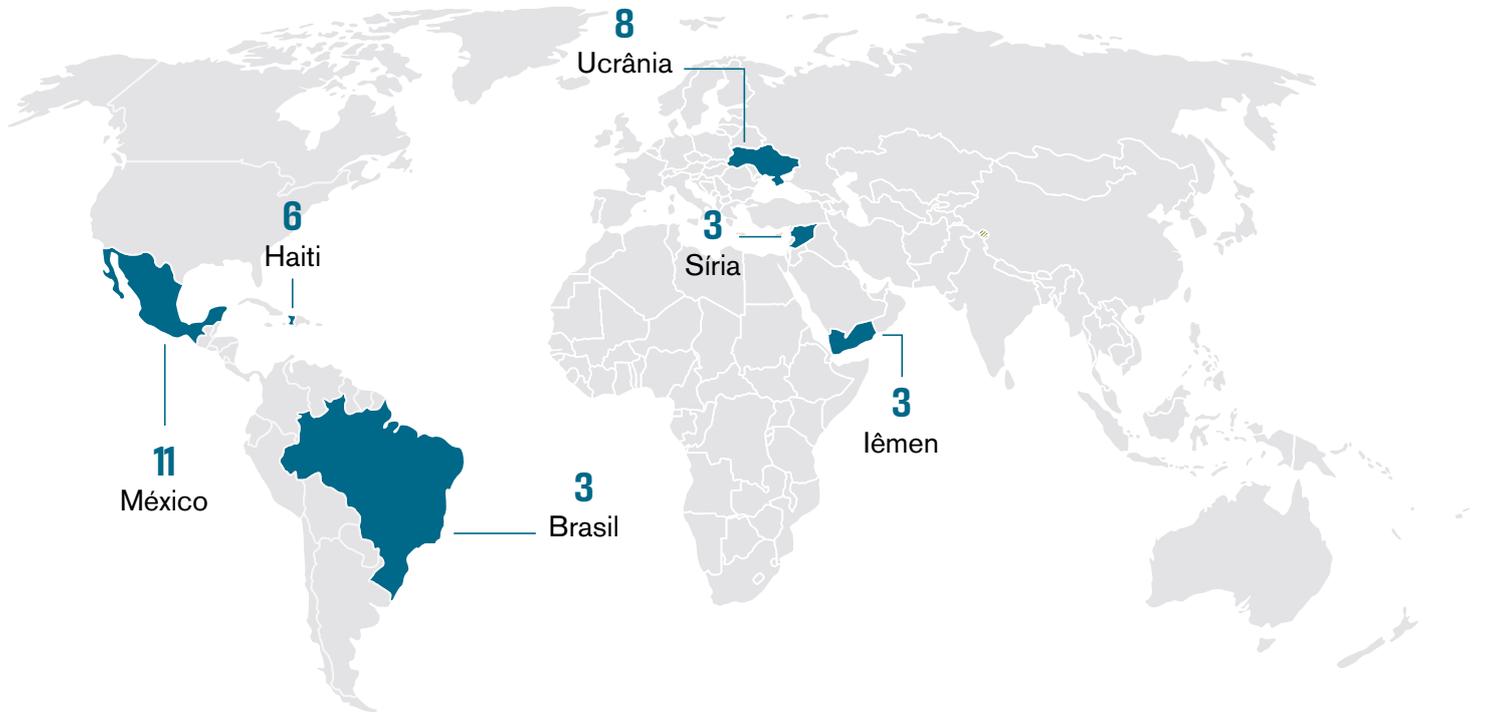
jornalistas mortos deliberadamente por causa da profissão.

## \*OUTROS MORTOS NO CUMPRIMENTO DE SUAS FUNÇÕES:

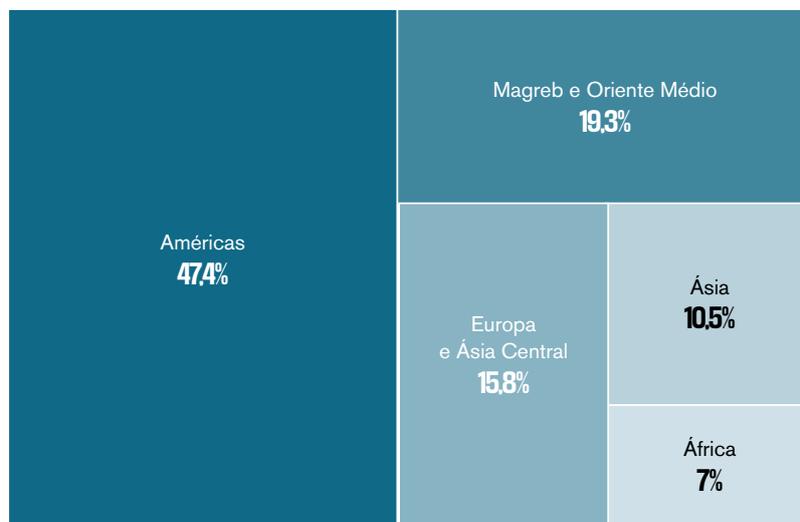
jornalistas mortos em campo sem terem sido visados como tal.

## JORNALISTAS ASSASSINADOS

## Os países mais perigosos



## Um continente concentra quase metade dos jornalistas mortos



## JORNALISTAS ASSASSINADOS

## Um ano sangrento e recorde nas Américas

O continente foi a região mais perigosa para jornalistas em 2022: **quase metade dos profissionais assassinados este ano (47,4%) estavam nessa parte do mundo.** Com 27 mortos, a região das Américas apresentou o maior número de jornalistas assassinados em 20 anos, segundo dados levantados pela RSF.

## México



Lourdes Maldonado López  
© Facebook

O México é o país em situação de paz mais perigoso para os jornalistas: 11 foram mortos no país em 2022 (contra 7 em 2021). No total, nada menos que 80 jornalistas perderam a vida no México em dez anos (incluindo 46 nos últimos cinco anos) por causa de sua profissão, apesar da pressão da sociedade civil e de organizações internacionais, incluindo a RSF, para que o governo combata essa violência de forma mais efetiva. Este ano, mais uma vez, a criação de um mecanismo de proteção local mostrou limitações: a jornalista **Lourdes Maldonado López**, estava supostamente sob proteção no estado mexicano de Baja California quando foi baleada e morta na frente de sua casa no início deste ano.

## Haiti

Outro país da região registrou recorde de mortes em 2022: com 6 mortos, o **Haiti**, onde não houve assassinato de jornalistas em 2021, tornou-se este ano o terceiro país mais perigoso para o exercício da profissão.



Romelson Vilcin  
© Haiti Libre

**Os jornalistas são alvo de grupos armados e vítimas da violência gerada pela crise generalizada.** O último jornalista morto, **Romelson Vilcin**, foi atingido na cabeça por uma bomba de gás lacrimogênio lançada pela polícia enquanto se manifestava em frente a uma delegacia de polícia para exigir a libertação de um de seus colegas, preso arbitrariamente enquanto cobria uma manifestação em Porto Príncipe.

## Brasil e América Latina



Dom Phillips  
© Facebook

No sul do continente, o **Brasil registrou 3 mortos**, incluindo o jornalista britânico **Dom Phillips**, cujo corpo, esquartejado, foi encontrado na Amazônia. Acompanhado por Bruno Araújo Pereira, um renomado indigenista, ele documentava a luta das tribos indígenas locais contra a caça ilegal, bem como o garimpo e a extração ilegal de madeira.

Nos outros **países da América Latina** que contabilizaram pelo menos 1 morte em 2022 (Colômbia, Guatemala, Honduras, Equador, Chile e Paraguai), **a maioria dos jornalistas assassinados foi morta de acordo com um modus operandi recorrente:** as execuções são planejadas por matadores de aluguel, que eliminam, perto de sua residência ou de seu local de trabalho, jornalistas que investigam assuntos relacionados à política local, ao crime organizado ou aos direitos humanos.

## JORNALISTAS ASSASSINADOS

### Estados Unidos



Jeff German

© Las Vegas Review-Journal

Nem mesmo os profissionais de informação do norte do continente escaparam à violência. Pela primeira vez desde 2018, um jornalista foi morto nos Estados Unidos por exercer sua profissão. **Jeff German**, jornalista investigativo veterano do *Las Vegas Review-Journal*, especializado em crime organizado, corrupção e política local, estava trabalhando em revelações sobre o administrador público do condado, Robert Telles, quando foi morto a facadas em sua residência, em setembro.

### Europa de luto pela guerra na Ucrânia



Frédéric Leclerc-Imhoff

© Sam Cottet



Maks Levin

© Markkian Lyseiko

A invasão da Ucrânia pelo exército russo, em 24 de fevereiro de 2022, ajudou a tornar o país o segundo mais perigoso para os profissionais da mídia. **Nos primeiros seis meses da guerra, 8 jornalistas foram mortos.** Entre eles, o fotojornalista ucraniano **Maks Levin**, executado friamente em 13 de março por soldados russos, de acordo com as conclusões da missão de investigação da RSF. **Frédéric Leclerc-Imhoff** também pagou com a vida por seu trabalho de informar. O videorepórter do canal francês *BFM-TV* estava em um comboio humanitário e filmava uma operação de evacuação de civis quando foi atingido por um estilhaço que atravessou o para-brisa blindado do veículo.

### Os conflitos mortais do Oriente Médio



Saber Al-Haidari

© RS

O Iêmen, em guerra desde 2014, continua sendo um país de múltiplos perigos para jornalistas, que podem tanto ser mortos durante a cobertura de confrontos entre a coalizão árabe e os rebeldes houthis quanto ser alvos deliberados de um ataque com carro-bomba, como no caso de **Saber Al-Haidari**. No total, 3 jornalistas foram mortos em meio a um clima de medo que se instala no país, o que desencoraja os profissionais de mídia de fazer seu trabalho.



Isam Ebdella

© RS

Na Síria, embora tenha diminuído de intensidade, o conflito continua causando estragos nas fileiras dos meios de comunicação. Dois jornalistas morreram enquanto cobriam confrontos entre milícias e o Estado Islâmico. Vítima mais recente, o correspondente da agência de notícias Hawar (*AHNA*) no Curdistão Sírio, **Isam Ebdella**, foi morto por um dos ataques aéreos lançados pela Turquia sobre áreas da Síria e do Iraque visando grupos curdos considerados responsáveis pelo atentado de 13 de novembro de 2022 em Istambul.

## JORNALISTAS ASSASSINADOS



Shireen Abu Akleh  
© AlJazeeraMediaNetwork

O conflito israelense-palestino voltou a ser mortal para os jornalistas em 2022. Dois jornalistas palestinos foram mortos, incluindo a famosa repórter da *TV Al Jazeera* **Shireen Abu Akleh**. Apesar de várias investigações independentes terem concluído que o exército israelense tinha alvejado de forma intencional a jornalista, que estava claramente identificada, ninguém foi responsabilizado até o momento.



Baktash Abtin  
© Facebook

Longe dos locais de reportagem, foi registrada também a morte, em uma prisão no Irã, do jornalista e escritor **Baktash Abtin** que faleceu no início do ano por falta de cuidados médicos, um método comumente usado pelas autoridades iranianas para silenciar vozes dissidentes.

### Ásia, a coragem amordaçada

Embora nenhum país asiático apareça este ano na categoria dos países mais mortais, essa região está na quarta posição em termos de periculosidade e responde por 10% dos jornalistas mortos. As circunstâncias da morte de 3 dos 6 jornalistas da região também mostram como os países tentam, apesar de tudo, esconder seus crimes.



Arshad Sharif  
© RS

O jornalista paquistanês **Arshad Sharif**, conhecido por suas críticas ao Exército, teve que fugir de seu país para escapar da prisão iminente e de ameaças de morte, mas acabou sendo baleado em condições muito suspeitas no Quênia. Apesar da tentativa da polícia queniana de fazer com que sua morte parecesse um acidente, as provas recolhidas pela RSF mostram que o jornalista foi alvejado à queima-roupa e que uma investigação internacional é essencial para identificar os autores do crime.



Aye Kyaw  
© RS

Na Birmânia, os responsáveis pelo assassinato do fotógrafo **Aye Kyaw** tentaram grosseiramente ocultar as causas de sua morte. Detido no dia 30 de julho por militares após cobrir inúmeras manifestações contra a junta, o fotógrafo foi encontrado morto poucas horas depois, com uma grande cicatriz no peito costurada às pressas, sinal de que os militares tentaram disfarçar os vestígios do interrogatório extremamente violento que causou sua morte.



Do Cong Duong  
© The 88 Project

No Vietnã, a causa oficial da morte do jornalista **Do Cong Duong**, que faleceu na prisão em 2 de agosto, nunca foi revelada pelas autoridades. Mas o jornalista de 58 anos, que sofria de problemas cardíacos e pneumonia, viu sua saúde se deteriorar ao longo do período de detenção. Apesar das repetidas manifestações de indignação de sua família, as autoridades penitenciárias nunca se dignaram a conceder-lhe os cuidados necessários. Ele teve que esperar até estar à beira da morte para ser internado no hospital da prisão.

# JORNALISTAS REFÉNS

## Em números



61  
jornalistas  
locais  
(93,8%)



4  
jornalistas  
estrangeiros  
(6,2%)

## JORNALISTAS REFÉNS

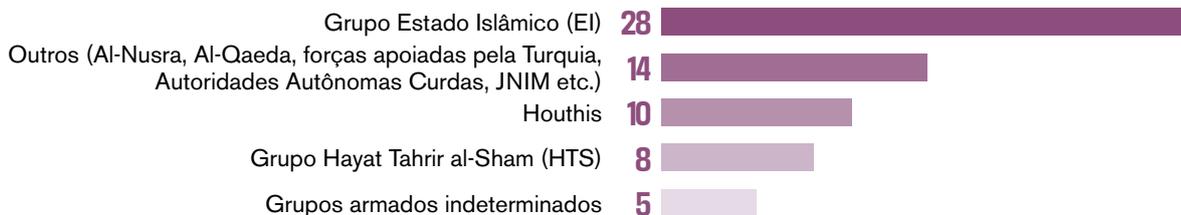
## Países de alto risco



**Pelo menos 65 jornalistas e colaboradores da mídia estão atualmente sendo mantidos reféns em todo o mundo. O número total de reféns permanece no mesmo nível do ano passado, na mesma data, tendo sido registradas libertações no Líbano e alguns casos tendo sido reclassificados graças às informações recolhidas.**

**Todos os reféns estão concentrados em três países do Oriente Médio, com exceção do caso de Olivier Dubois, sequestrado no Sahel.** Ele é um dos 4 jornalistas mantidos reféns fora de seu país até hoje.

## Os principais sequestradores



**Jornalista refém:** A RSF considera um jornalista como refém quando esse profissional se encontra nas mãos de um ator não estatal que ameaça matá-lo, feri-lo ou continuar a detê-lo para pressionar um terceiro ator (um Estado, uma organização ou um grupo de pessoas) com a finalidade de obrigá-lo a praticar um ato específico. A tomada de reféns pode ter motivação política e/ou econômica, quando envolve o pagamento de resgate.

## JORNALISTAS REFÉNS

### Nenhuma prova de vida recente dos reféns na Síria

Cinco anos após a queda do grupo Estado Islâmico, ainda não há notícias de muitos dos reféns na Síria e no Iraque. Três deles são estrangeiros.



Austin Tice  
© RS

Dez anos já se passaram desde que o jornalista americano [Austin Tice](#) foi sequestrado em um posto de controle perto de Damasco. Apesar da falta de notícias oficiais, a Casa Branca acredita que ele ainda esteja vivo, e o presidente Joe Biden instruiu o Conselho de Segurança Nacional a abordar o governo sírio e fazer de tudo para trazer Austin de volta para casa. Os serviços de inteligência israelenses e um alto oficial libanês também estavam trabalhando pela sua libertação.



Ishak Mokhtar  
© SaharaMedia



Samir Kassab  
© Skeyes

Não há nenhuma notícia recente do jornalista mauritano [Ishak Mokhtar](#) e do cinegrafista libanês [Samir Kassab](#), que trabalhavam para a rede Sky News Arabia. Eles foram vistos com vida pela última vez na província de Raqqa, em 2016, três anos depois de terem sido sequestrados por agentes do EI. Apesar da falta de provas de vida, a família de Samir Kassab não perde as esperanças. Em 14 de outubro, seus pais organizaram uma manifestação em Beirute, pedindo ao governo libanês novas medidas para encontrar o cinegrafista que desapareceu na Síria.



John Cantlie  
© AFP

Quanto ao fotojornalista britânico [John Cantlie](#) sequestrado pelo Estado Islâmico dez anos atrás, ele agora é dado como morto. Uma [investigação jornalística](#) realizada em 2022 determinou que não havia nenhuma prova confiável de vida desde que ele tinha sido visto pela última vez, em Mosul, no Iraque, em dezembro de 2016. A família de John Cantlie também realizou um serviço memorial este ano e as páginas de mídia social que apoiam a campanha para libertar John Cantlie foram tiradas do ar. Como o corpo não foi encontrado e a morte não pôde ser confirmada com certeza, a RSF continua listando esse caso na categoria de jornalistas desaparecidos.

### Iêmen, o outro provedor de reféns

Com um total de 11 jornalistas mantidos como reféns, o Iêmen continua sendo um país particularmente perigoso para o exercício da profissão. Embora o ano de 2022 tenha sido marcado pela libertação de dois jornalistas, entre os quais [Kamel Almamari](#), que ficou 292 dias em cativeiro, os houthis admitiram também manter como refém o jornalista [Younis Abdel Salam](#), desaparecido em Sanaa em agosto de 2021. A milícia detém atualmente 10 dos 11 reféns iemenitas. Sete deles estão presos há quase oito anos em condições extremamente duras. É o caso de [Abdul Khaleq Amran](#), [Akram Al-Walidi](#), [Hareth Humaid](#) e [Tawfiq Al-Mansouri](#), que foram condenados à morte em abril de 2020 por “espionagem”. O jornalista [Mohamed Al-Moqri](#), foi sequestrado em 2015, na província de Hadramaut, por um grupo aliado à Al Qaeda.



Abdul Khaleq Amran  
© DR



Akram Al-Walidi  
© DR



Hareth Humaid  
© DR



Tawfiq Al-Mansouri  
© DR

**Olivier Dubois, o refém do Sahel**

Olivier Dubois  
© DR

Há mais de 20 meses, **Olivier Dubois** está nas mãos do Jama'at Nasr al-Islam wal Muslimin [Grupo de Apoio ao Islã e aos Muçulmanos] (JNIM), um grupo afiliado à Al-Qaeda no Mali. Nunca um jornalista francês experimentou tal destino desde os sequestros de vários repórteres no Líbano na década de 1980. O correspondente do extinto *Libération*, do *Point* e do *Jeune Afrique* desapareceu em Gao, no nordeste do Mali, em 8 de abril de 2021, enquanto se preparava para entrevistar um oficial de um movimento armado local.

A França reiterou diversas vezes seu compromisso de garantir a libertação do jornalista. Mas a preocupação aumenta, o tempo passa e essas declarações soam vazias. Sobretudo porque a relação entre Paris e Bamako piorou consideravelmente desde o sequestro de Dubois. Como consequência dos dois golpes de Estado sucessivos e de um discurso muito hostil à França por parte da junta no poder no Mali, a Operação Barkhane de luta contra o terrorismo – que foi iniciada em 2013 e contou com mais de 5.000 soldados franceses destacados no Sahel – foi encerrada oficialmente em 8 de novembro. No Mali, os soldados franceses foram substituídos por milicianos russos do grupo Wagner, cuja agenda certamente não inclui a libertação de Olivier Dubois.

# JORNALISTAS DESAPARECIDOS

## Dois jornalistas desaparecidos em 2022



Dmytro Khiliuk  
© Facebook

Um dos dois desaparecimentos registrados em 2022 ocorreu na Europa. O repórter **Dmytro Khiliuk** desapareceu em 4 de março, na cidade ucraniana de Dyer (norte de Kiev), ocupada por forças russas. De acordo com informações levantadas pela RSF, desde então, o **jornalista, que trabalhava para a Agência de Notícias Ucraniana UNIAN**, foi transferido para a Rússia. Um pedido de informações sobre o desaparecimento foi apresentado ao Comitê de Investigação da Federação Russa, mas nenhuma resposta foi fornecida até o momento. Esse caso se soma aos outros 10 desaparecimentos forçados já registrados pela RSF. Os desaparecimentos são classificados como “forçados” quando há envolvimento direto dos Estados.



Roberto Carlos Flores  
Mendoza  
© DR

O outro desaparecimento, ocorrido no México, em 20 de setembro de 2022, foi o do **fundador do site Chiapas Denuncia Ya, Roberto Carlos Flores Mendoza**, de 41 anos. Também não há vestígios do veículo que ele estava usando. Durante quatro anos, desde a sua criação até as vésperas da morte do seu fundador, o site Chiapas Denuncia Ya foi conhecido por investigar abusos cometidos por autoridades locais e publicar reclamações de cidadãos. Esse novo caso eleva para 27 o número de jornalistas desaparecidos no México. [A RSF e a organização Propuesta Civica recentemente levaram esses casos à ONU e registraram uma queixa.](#)

## Quase 50 jornalistas desapareceram em 20 anos

**Esses dois novos casos elevam para 49 o número total de desaparecimentos registrados pela RSF desde 2003.** Entre eles, 3 são de mulheres (duas jornalistas mexicanas e uma jornalista peruana). Mais de um em cada oito jornalistas nessa condição estava fora de seu país na ocasião do desaparecimento.

Além do britânico John Cantlie, os rastros do jornalista palestino **Mouhib Al-Nouwati** e do jordaniano **Bashar Al-Kadumi** também foram perdidos na Síria há dez anos. Dois jornalistas da Tunísia, **Sofiane Chourabi** e o cinegrafista **Nadhir Guetari**, também foram sequestrados por um grupo armado não identificado na Líbia, em 2014. No mesmo ano, o jornalista americano **Paul Overby** desapareceu enquanto viajava de Khost, no Afeganistão, para o Waziristão do Norte, no Paquistão, a fim de entrevistar o chefe da rede Haqqani.

A RSF considera um jornalista desaparecido quando não há provas suficientes para determinar se ele foi vítima de homicídio ou sequestro, e nenhuma reivindicação crível foi divulgada.

# NOTA METODOLÓGICA

Estabelecida anualmente desde 1995 pela Repórteres Sem Fronteiras (RSF), a avaliação anual de abusos cometidos contra jornalistas é baseada em dados compilados ao longo do ano. A RSF realiza uma coleta minuciosa de informações que permitem afirmar com certeza, ou pelo menos com uma presunção muito forte, que a morte, a detenção ou o sequestro de um jornalista é consequência direta do exercício de sua profissão.

A RSF apenas enumera os jornalistas que se enquadrem no âmbito do seu mandato, ou seja, quem, através de qualquer meio de comunicação, de forma regular ou profissional, recolha, trate e divulgue informação e ideias, de forma a servir o interesse geral e os direitos fundamentais do público, respeitando os princípios da liberdade de expressão e os princípios éticos da profissão.

A contagem total do Relatório de 2022 compilado pela RSF inclui jornalistas profissionais e não profissionais, bem como colaboradores da mídia. Em detalhes, os relatórios anuais da RSF distinguem essas diferentes categorias para permitir comparações de um ano para o outro.

Os números que aparecem nesta edição foram interrompidos em 1o de dezembro de 2022 e não levam em consideração divulgações ou ataques ao jornalismo ocorridos após essa data. No entanto, esses novos dados aparecem no [Barômetro da RSF](#), atualizado regularmente.

## CRÉDITOS

Editora chefe: Catherine Monnet

Jornalista de dados: Blanche Marès

Secretária da redação: Anne-Laure Chanteloup

Tradutor: Christiano Sanches

Colaboradores: África, América Latina e América do Norte, Leste Asiático, Ásia-Pacífico, Europa Oriental-Ásia Central, Magreb e escritórios do Oriente Médio da RSF

Designer gráfico: Sandra Heno



A **REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS (RSF)** trabalha pela liberdade, pela independência e pelo pluralismo no jornalismo. Com status consultivo na ONU e na UNESCO, a organização, com sede em Paris, possui 13 escritórios e seções ao redor do mundo e correspondentes em mais de 130 países.